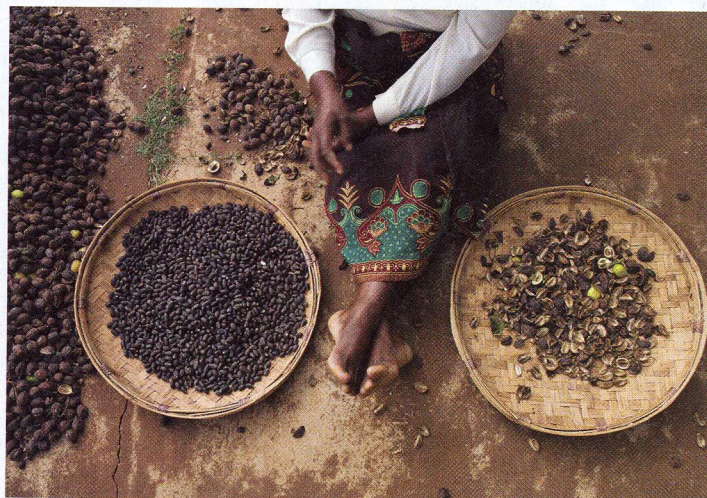


► ocupa 130 pessoas, número que sobe para 300 na época das colheitas, que se repete duas vezes por ano. O esmagamento das sementes será feito longe dali, em Inhambane, a 800 km de distância, para onde seguirão as 40 toneladas já armazenadas na antiga fábrica de algodão da Companhia do Búzi. A escassa produção ainda não justifica a sua exportação, a qual só deverá verificar-se dentro de três a cinco anos. Nessa altura, metade da produção ficará em território moçambicano e a outra metade poderá seguir para a Europa, onde será sujeita a um delicado processo de hidrogenação que transformará o óleo de jatropha num biocombustível de segunda geração. Em estudo, está também um projeto de «desintoxicação» do óleo e seu aproveitamento para rações animais.



HORA DA REGA
No centro experimental de Chissamba, são desenvolvidas novas técnicas de cultivo que permitem o melhoramento das plantas



DESCASQUE
Separar as sementes das cascas do fruto da jatropha é uma tarefa reservada às mulheres

USAR A TERRA

O uso de terras agrícolas para fins não alimentares, uma polémica que divide ambientalistas e produtores de biocombustíveis, não deixa ninguém neutral. «Não vamos competir com a cadeia alimentar», garante Gonçalo Barradas. O investimento da Galp Energia «cria emprego em zonas rurais e promove o aproveitamento económico em áreas desocupadas», sublinha. «É uma ficção criada pelos ambientalistas», defende, por sua vez, José Pimentel, diretor do Centro Experimental do Cutchi, no Chimoio, onde iremos mais à frente. «Moçambique tem 35 milhões de hectares de área cultivável, mas só 5% estão aproveitados», afirma. No Chimoio, a empresa tem sentido dificuldades em expandir a sua área de cultivo de jatropha, sem colidir com os interesses dos agricultores locais. Os esforços da empresa concentram-se agora nos 10 mil hectares de savana arbórea, ainda por desmatar, que lhe foram atribuídos a norte do território, em Mocuba, perto de Quelimane, na província da Zambézia. É a partir dessa futura exploração que a Galp pretende concretizar as metas de produção, só possíveis com a extensão das áreas de cultivo para um total de 25 mil hectares – o que irá garantir trabalho a 4 500 moçambicanos. «Passámos dois anos a aprender, mas o

objetivo é tornarmo-nos autossuficientes» na produção de bio-substitutos para o gasóleo, explica Fernando Bianchi de Aguiar, um dos responsáveis do projeto da Galp em Lisboa.

Como qualquer outro detentor do Direito de Uso e Aproveitamento da Terras (DUAT) – em Moçambique a terra é propriedade do Estado e não pode ser vendida –, a Galp Energia, antes de iniciar o cultivo de jatropha, faz o levantamento topográfico, estuda o impacto ambiental e desenha o ciclo de vida das plantações, contabilizando e compensando as emissões de Co₂, de acordo com as normas europeias. Avança, de seguida, com os programas de fomento e extensão rural, adquirindo sementes de jatropha aos agricultores locais. Sempre sob a vigilância e com a bênção dos régulos, hábeis negociadores de contrapartidas nem sempre essenciais, como telemóveis ou chapas de

zincos ondulado para as suas habitações. O relacionamento com as populações é um assunto delicado, que a Galp tenta contornar com os seus programas de segurança alimentar – culturas de milho e girassol destinadas a serem vendidas aos trabalhadores e suas famílias, a preços acessíveis.

No Búzi, a última etapa da visita levamos a um campo de cultivo de jatropha de um agricultor independente (*ver texto nestas páginas*) e à Escola Primária Completa 1 de Junho, reconstruída há dois anos a expensas da petrolífera portuguesa. Frequentada por 1 200 alunos, acolhe crianças dos 6 aos 12 anos, que ali cumprem os primeiros sete anos de escolaridade, auxiliadas por 20 professores. Com seis salas e um balneário, as instalações acusam um certo cansaço da presença diária de tantas crianças.

DE VOLTA AO CORREDOR

Numa manhã africana demasiado fresca para as roupas leves trazidas de Portugal, iniciamos o trajeto de regresso ao Corredor da Beira, retomado no ponto em que dois dias antes o abandonámos. Seguimos para ocidente. O destino é agora a pequena cidade agrícola do Chimoio, na

META EUROPEIA 10%

A diretiva europeia 2009/28/CE obriga todos os Estados-membros a incorporarem 10% de energia de fontes renováveis nos combustíveis rodoviários até 2020, majoritariamente através da introdução de biocombustíveis. O objetivo é diminuir a emissão de gases com efeito de estufa e combater as alterações climáticas.